



PERSPECTIVA DE PERMANÊNCIA NO CAMPO: ESTUDO DOS JOVENS RURAIS DO ENSINO MÉDIO DE GOIANÉSIA/GOIÁS

PERSPECTIVE OF PERMANENCE IN THE FIELD - STUDY OF RURAL YOUNG PEOPLE IN GOIANESIA / GOIÁS

Gabriel Makiyama Silva¹; Elitânia Gomes Xavier¹; Thiago Brito Steckelberg¹; Ayure Gomes da Silva¹; Elvislaine Gomes Xavier¹

¹ Evangelical College of Goianésia, Brazil Avenue nº 2020, Covoá, Goianésia, GO, Brazil.

Info

Recebido: 09/2020

Publicado: 12/2020

DOI: 10.29247/2358-260X.2020v7i2.4995

ISSN: 2358-260X

Palavras-Chave

Juventude; Esvaziamento do espaço rural; Envelhecimento; Agricultura familiar.

Keywords:

Youth; Emptying of rural spacine; Aging.

Abstract

In the coming years with the global demographic explosion, the world population in 2050 is expected to reach the level of nine and a half billion people according to the FAO (United Nations Food and Agriculture Organization). Brazil has a special vocation for agriculture, due to climatic conditions, water availability and territorial extension. It is necessary to anticipate and prepare for the demand for food that will come, and with the emptying of the field in recent decades, there is a concern with the labor in the field for future years. The present research was carried out with rural youths from 15 to 24 years of high school in the city of Goianésia, state of Goiás. 10 boys and 10 girls were interviewed with a semi-structured interview questionnaire, answers were obtained to open and

closed questions, where he sought to find out whether or not there is an incentive for the family to continue in agricultural activities, which factors are favorable and unfavorable to staying in the countryside, which dreams the young people want for the future of their lives, among other questions. In the survey it was found that 70% of the boys who live in the rural area do not intend to continue in agricultural activities and the rate among women was even higher, 90%, which evidenced the masculinization process in the rural area. It was also evident that the majority of the family does not encourage young people to stay in rural activities, on the contrary, they motivate them to pursue a more lucrative and less painful profession than the work that is done in the countryside. It was found that 30% of these can continue in activities if there is better income and more entertainment and technology in the field.

Resumo

Nos próximos anos com a explosão demográfica global, a população mundial em 2050 deverá atingir o patamar de nove bilhões e meio de pessoas segundo a FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura). O Brasil tem uma vocação especial para a agropecuária, em razão das condições climáticas, disponibilidade de água e extensão territorial. É preciso antecipar e se preparar para a demanda de alimentos que virá, e com o esvaziamento do campo nas últimas décadas há a preocupação com a mão de obra no campo para os anos futuros. A presente pesquisa foi realizada com jovens rurais de 15 a 24 anos do ensino médio no município de Goianésia, estado de Goiás. Foram entrevistados 10 rapazes e 10 moças com um questionário de entrevista semiestruturadas, foram obtidas respostas as perguntas abertas e fechadas, onde se procurou saber se há ou não incentivo da família em seguir nas atividades agrícolas, quais fatores são favoráveis e desfavoráveis à permanência no campo, quais sonhos e anseios dos jovens para o futuro de suas vidas, dentre outras perguntas. Na pesquisa constatou-se que 70% dos rapazes que vivem na zona rural não pretendem seguir nas atividades agrícolas e o índice entre as mulheres foi ainda maior, 90%, o que evidenciou o processo de masculinização da zona rural. Ficou evidente ainda que a família na sua maioria não incentiva os jovens a permanecerem nas atividades do campo, ao contrário, os motivam a seguir uma profissão mais lucrativa e menos penosa do que o trabalho que é realizado no campo. Foi constatado que 30% dentre estes poderá seguir nas atividades se houver melhor renda e mais entretenimento e tecnologia no campo.

INTRODUCTION

INTRODUÇÃO

De acordo com a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura FAO (2017) a demanda por alimentos no planeta para 2050 terá aumento de 70%. E o Brasil terá papel importante na alimentação global, e já o tem, ao ser um dos maiores exportadores de carne de aves e bovina, um dos maiores exportadores de soja, laranja, café, dentre outros produtos alimentícios (OCDE, 2018). Em 2050 a população mundial será de 29% maior que a atual, com mais crescimento em países em desenvolvimento, 70% da população serão urbanas e os níveis de renda serão maiores que os atuais. Para alimentar esta população maior, urbana e rica será preciso aumentar a produtividade em 70% (BOJANIC, 2018).

O desafio imediato é aumentar a produtividade e com sustentabilidade (ROMEIRO, 2012). Os hábitos alimentares em todo o mundo têm mudado, tem crescido a busca por alimentos mais saudáveis e o interesse por produtos orgânicos (LIMA, et al. 2020). E cresce a cada dia as oportunidades para agricultores familiares em produtos como café, frutas tropicais, suínos e aves com as características desejáveis pelo mercado (BOJANIC, 2018).

O êxodo rural é um problema complexo que desde a década de 1960 ocorre no Brasil de forma intensa (ALVES, et al. 2011). As cidades cresceram desordenadamente nos últimos 60 anos praticamente em todo o território Nacional, em consequência do esvaziamento do campo, houve e ainda há o envelhecimento do homem do campo, e devido ter havido uma maior migração feminina para a cidade, há a masculinização crescente (ABRAMOVAY e CAMARANO, 1999). Ainda de acordo com esses autores em 1950, e antes disso, o êxodo foi maior entre os homens, de 1960 em diante o êxodo maior foi de mulheres e cada vez mais jovens optaram por deixarem o campo, a masculinização do campo é uma constante.

Em pesquisa feita em cinco regiões diferentes no Brasil, da década de 1950 até a década de 1990, especialmente as regiões do Sul e Sudeste forneceram uma quantidade expressiva de gente para as áreas urbanas (ALVES, et al. 2011). Já a partir da década de 1990 foi o Nordeste que forneceu o maior número de migrantes para as cidades, e neste período o Centro Oeste e Norte também foram responsáveis por um bom contingente de expulsão do humano do campo (ABRAMOVAY & CAMARANO, 1999; LIMA et al., 2015).

Desde a década de 1990 o Brasil praticamente extinguiu o ensino básico e médio do meio rural, e passou a transportar esses jovens alunos para a zona urbana, esses alunos ao vivenciar as expectativas urbanas, ao concluírem o ensino médio já não sentem estímulos para voltar e ficam nas cidades em buscas de oportunidades diferentes das vivenciadas no meio rural (BOLSADI, 2001). Muitos partem para a cidade em busca de estudo, e na maioria das vezes, não mais retorna, e tem provocado o esvaziamento do campo (SCHMITZ; CASTANHA, 2017).

De acordo com GENNARI (2001), o governo Fernando Collor em 1990 anunciou o chamado plano Collor em que alinhado com o neoliberalismo aplicou as medidas de mudança do signo da moeda, a desindexação geral principalmente entre preços e salários, criou o dólar livre para exportação, reformulou os mercados cambiais, criou programa de privatizações, suprimiu os subsídios, demitiu funcionários públicos federais dentre outras medidas em que trouxe uma série de consequências não só para educação rural como para a agricultura familiar (GENNARI, 2001).

Ainda no governo Collor foi destituída do governo federal a política de extensão rural, promovida pela EMBRATER- Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural empresa pública, vinculada ao Ministério da Agricultura, com personalidade jurídica

de direito privado e patrimônio próprio. Apesar do reconhecimento explícito de políticos, governos, agricultores e suas representações estes serviços deixaram de ser prioridade para o Governo Federal culminando com a extinção. Com a diminuição constante da educação rural, o ato de estender, levar ou transmitir conhecimentos de sua fonte geradora ao receptor final, o público rural, os jovens se veem cada vez mais distantes da permanência no campo (PEIXOTO, 2008).

Ao olhar para o futuro é que surgem as indagações quanto a quem estará no campo nas próximas décadas produzindo alimentos e que agora ao olhar para o futuro em especial o agricultor familiar surge à pesquisa para saber as perspectivas dos jovens agricultores que anseiam por um futuro promissor. Diante desta problemática de migração, esvaziamento, envelhecimento e masculinização, objetivou-se com essa pesquisa, realizar um levantamento em relação às perspectivas dos jovens rurais do município de Goianésia/GO quanto a permanência no campo e compreender os fatores que influenciam a tomada de decisão.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa está fundamentada na entrevista de abordagem qualitativa e quantitativa ou quali-quantitativa. Segundo Godoy (1995) a pesquisa qualitativa no exercício de descobrir tendências e opiniões pode haver muitas outras possibilidades no contexto da abordagem e serem trabalhados, até mesmo com outro olhar ou enfoque, diferentemente da pesquisa quantitativa em que é mensurável. As entrevistas foram feitas com um questionário de entrevista semiestruturadas, com perguntas abertas e fechadas conforme apêndice.

A pesquisa foi conduzida no Colégio Estadual Jalles Machado, no município de Goianésia Goiás, com

20 jovens de 15 a 24 anos (dez rapazes e dez moças), que são transportados de ônibus e vans todos os dias durante a madrugada e chegam à porta do colégio em torno das 06h30min da manhã. Todos os estudantes entrevistados estavam matriculados no ensino médio, eram residentes em zona rural e desenvolvem atividades agropecuárias na parte da tarde.

Esse tipo de abordagem foi realizado no sentido de levantar dados das perspectivas futura que estes jovens têm, e levantar indicadores positivos que possam levar uma ação concreta para efetivar e consolidar a permanência destes no campo e evitar com isso a migração e conseqüente desequilíbrio na segurança alimentar futura.

De acordo com o IBGE o município de Goianésia está localizado a 175 km da capital Goiânia e 208 km de Brasília, (Distrito Federal), as coordenadas geográficas sexagesimais são Latitude 15° 19' 33" Sul e Longitude 49° 7' 2" Oeste. Área territorial de 1.547,27 Km² e a população são de 69.072 tendo a densidade demográfica de 38.5 habitantes por Km², em 2016 o salário médio por pessoa era de 2.1 salários mínimos por pessoa. Segundo o site (Cidade-Brasil.com.br) Goianésia adquiriu o título de cidade sustentável.

Fundada em 24 de junho de 1953 e de clima tropical úmido, está a 641 metros de altitude em relação ao mar. Goianésia vem se destacando como um polo de produção sucroalcooleira, tanto regional, nacional e até no exterior. Há no município três grandes usinas de álcool e açúcar, uma que se destaca por produzir e vender no exterior açúcar orgânico certificada e produzido em grande escala.

Há produção de látex que é produto de exportação, ainda há no município grandes empresas de produção de sementes, produção de enlatados, e ainda confinamento de bois para engorda. Mas há também uma gama de pequenos produtores em atividades da agricultura familiar. Segundo o INCRA/GO há na

região do médio norte Goiano 996 famílias em 22 assentamentos na região, e Goianésia tem três assentamentos da Reforma Agrária, são eles: Assentamento Vitória com 61 famílias; Itajá II com 18 famílias e o maior deles o assentamento Presente de Deus com 136 famílias, na maioria deles a atividade é produção de hortaliças e frutas, além de leite para produção de queijos e doces.

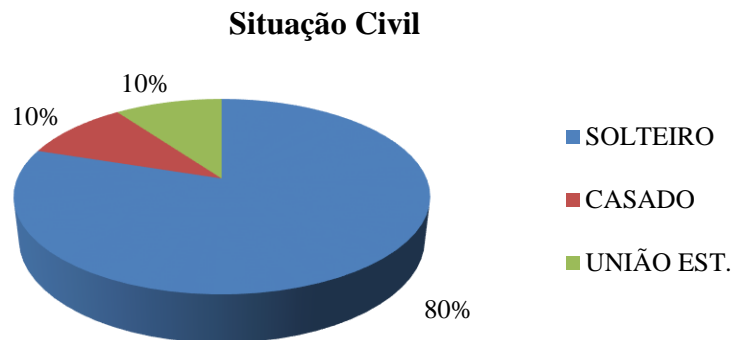
A feira do produtor da cidade tem ganhado destaque, com a atuação da EMATER local e apoio da Faculdade Evangélica de Goianésia, por meio da Empresa Junior que tem feito um trabalho de extensão

e alcançado reconhecido sucesso no sentido de fazer com as famílias dos produtores da agricultura familiar tenha mais conforto e renda.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

De acordo com o levantamento realizado quando foram questionados sobre a situação civil, os jovens do ensino médio do município de Goianésia responderam o seguinte, 80% são solteiros, 10% estão em união estável e 10% são casados representados no gráfico 1. E do total de jovens 17% já são pais.

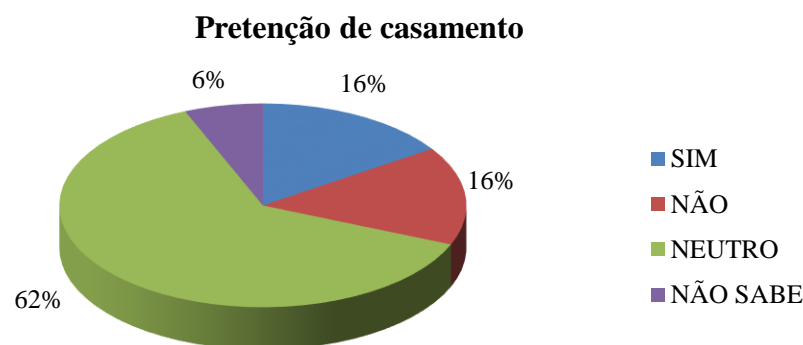
Gráfico 1: Situação civil dos jovens rurais no município de Goianésia/Goiás.



Quando perguntados se desejam casar-se com alguém ligado as atividades agrícolas, dos 20 entrevistados, três afirmam não terem interesse nesse tipo de relacionamento, dos quais são duas moças e um

rapaz. Três afirmaram que desejam casar-se com alguém do meio agrícola. O restante é neutro, sem nenhuma preferência. O percentual desse questionamento está disposto no gráfico 02.

GRÁFICO 2: Pretensão de casamento dos entrevistados com alguém do meio rural.



Em relação à descendência, dos 20 entrevistados dois rapazes já são pais (um deles tem 2 e o outro 1 filho) e dentre as moças uma delas é mãe. Foi detectada uma tendência dos jovens conscientes do planejamento familiar e tornando-se pais mais amadurecidos, porque a faixa de idade dos entrevistados foi de 15 a 24 anos. Possui filhos, uma moça de 18 anos e dois rapazes de 24 anos. É necessário que haja mais pesquisas para consolidar a tendência em que esses jovens optam por estudarem primeiro e se firmarem com alguma profissão antes de assumirem compromisso com casamento e sua descendência.

Sobre o número de irmãos, 95% dos entrevistados têm irmãos, 19 tem igual ou menos de três, o que apresenta que, cada vez mais as famílias têm tido menos filhos. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística a taxa nacional de fecundidade registrou uma queda de 20,1%, ao passar de 2,38 filhos por mulher em 2000 para 1,9 em 2010. Famílias menores no campo, significa menos mão de obra disponível na zona rural (IBGE, 2010).

Existem tendências demográficas que são preocupantes, como o número de filhos por famílias, que tem caído no meio rural brasileiro, o que contribui para o esvaziamento dessas regiões (TEIXEIRA, 2016). Desde a década de 1960 as famílias rurais têm reduzido drasticamente o número de filhos, famílias com 10, 15 ou 20 filhos praticamente não são mais comuns, por causa do controle natalidade por métodos anticoncepcionais e a saída da mulher para o mercado de trabalho. É necessário pensar em possibilidades tecnológicas que necessitem de menos mão de obra para facilitar o trabalho no campo.

O levantamento foi realizado com jovens estudantes que desenvolvem atividades agrícolas com características de agricultura familiar. De acordo com a Lei 11.326, de 2006, conhecida como Lei da Agricultura

Familiar uma das características da propriedade para esse enquadramento é ter até quatro módulos fiscais de área. A média do tamanho das propriedades é de 33 hectares por família. No Município de Goianésia um módulo fiscal corresponde a 20 hectares. Noventa por cento destas famílias residem a uma média de 28 km da cidade, uma distância relativamente pequena, o que facilita o contato com a cidade, suas tecnologias e o processo de urbanização do meio rural.

Em relação ao tamanho das propriedades dos entrevistados, 58% das propriedades têm 20 hectares que é um módulo fiscal da região de Goianésia, 23% têm 40% hectares, 10% tem acima de 40 hectares. Dentre os entrevistados existem aqueles que são de famílias de agricultores familiares tradicionais, que já estão no campo há mais de duas décadas, aqueles que não são oriundos de assentamentos agrários, e 9% não souberam responder.

Em um levantamento em Alto Alegre – RS, sobre a perspectiva dos jovens rurais no campo e encontrou dados semelhantes, Ficou constatado que 56,67% dos jovens estão inseridos em propriedades com tamanho de até 20 hectares (ha), o que representa pouco mais de um módulo fiscal local, que são 18 hectares; 20% jovens pertencem a propriedades de 21 a 40 há (6,67%), de 41 a 60 ha (16,67%), e de 61 a 80 ha. A maior parte dos jovens estão inseridos em propriedades com características de agricultura familiar e participam do trabalho realizado na propriedade para a geração de renda (BREITENBACH & CORAZZA, 2017).

As principais atividades de produção no município de Goianésia-Go estão distribuídas no gráfico 04, em que produzem hortaliças, frutas, hortaliças e frutas, grãos (soja e milho) e cereais, há também de forma simultânea, o trabalho das mulheres

e dos jovens na produção de leite, queijos, requeijões e produção de doces, para complementar a renda.

GRÁFICO 3: Tamanho das propriedades onde residem os entrevistados na região de Goianésia Goiás.

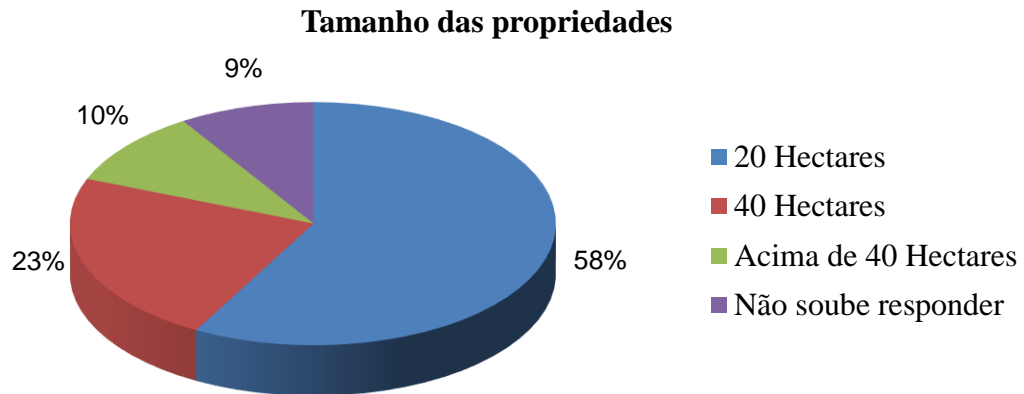
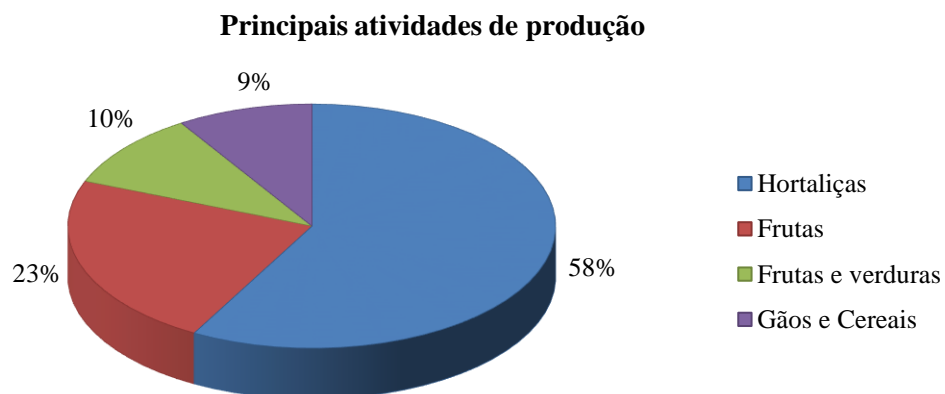


GRÁFICO 4: As principais atividades de produção no município de Goianésia-Go, onde residem os jovens entrevistados.



As principais atividades agrícolas comerciais desenvolvidas nas propriedades em Alto Alegre em que os jovens estão inseridos, percebe-se uma diversidade produtiva, embora a soja apresente-se como uma das principais produções, é seguida pelo trigo, bovinocultura leiteira e milho (BREITENBACH e CORAZZA,2017). A agricultura familiar é responsável por grande parte da produção de alimentos a nível nacional e regional, principalmente por sua característica atual de ter a capacidade de integrar a

produção e o consumo (BATALHA, BUAINAIN e SOUZA FILHO, 2005).

Apesar das dificuldades de exercer diferentes atividades nas pequenas propriedades é necessário desenvolver a pluriatividade que nada mais é do que a diversificação das atividades rentáveis do negócio (SHENEIDER, 2013). O autor enfatiza que para sobreviver o perfil dos agricultores familiares tem mudado e agregado atividades não agrícolas as rotinas da propriedade para diversificar a fonte de renda, tais como turismo rural e gastronômico, pequenas

indústrias rurais, artesanato e até mesmo atividades executadas na zona urbana com a moradia no meio rural para complementar a renda.

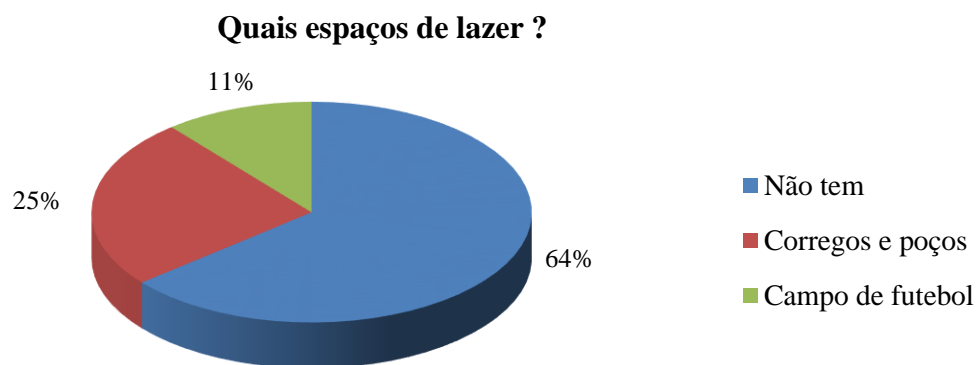
Na medida em que a força do braço foi substituída pela máquina houve crescente saída do homem do campo. O êxodo vem ocorrendo mais por repulsão do homem do que por atração das cidades. A máquina faz muito mais trabalho com muito menos tempo, tanto que a produtividade e a produção agrícola são crescentes (ALVES, et.al 2011).

Com a revolução verde e a tecnificação da agricultura, houve uma concentração e especialização no sistema de produção, a monocultura cada vez mais se concentra nas mãos de poucos e grandes agricultores que trabalham com cultura como a soja, o milho e o algodão dentre outras commodities, e que com poucos trabalhadores tecnificados se produz muito em especial para exportação. No entanto o agricultor familiar

participa de forma considerável na produção da diversidade de alimentos que chega à mesa do brasileiro, o que inclui as hortaliças, mandioca, feijão, as aves, pescados, suínos dentre outros (IBGE, 2006).

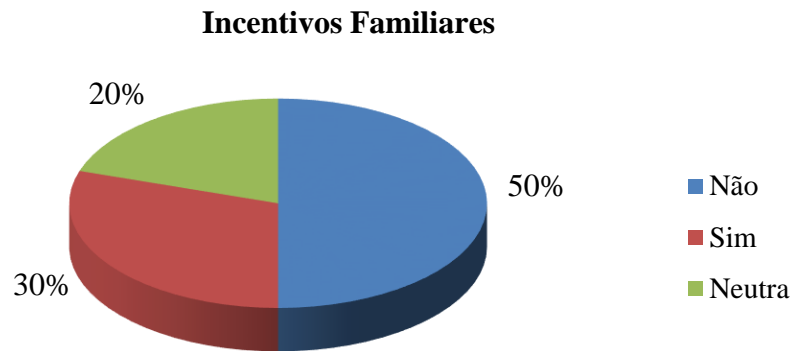
Um dos gargalos que pesa no momento do jovem agricultor migrar para a zona urbana é o fato de não haver no espaço rural o entretenimento, uma forma de recrear ou diverti-los para que eles possam se desviar de suas preocupações cotidianas. Quando perguntados o que há na propriedade ou na região próxima onde ele está inserido de lazer, 64% responderam que não tem nada de lazer, 25 % diz ter poços e córregos e 11% apenas têm capô de futebol, ainda assim sem gramado e a devida manutenção. Alguns comentaram que o manejo de cavalos é uma alternativa confortante, principalmente quando direcionadas pelas mulheres, e que estas se sentem revigoradas ao participarem de cavalgadas na região.

GRÁFICO 5: No espaço rural onde reside há lazer ou algum tipo de entretenimento.?



Perguntados se a família os incentiva a permanecer na propriedade e a seguir as atividades agrícolas, 50% das famílias não os incentiva, ao contrário os motivam a procurar estudar e se especializar em alguma outra área mais rentável, 20% das famílias são neutras quanto ao incentivar os jovens a permanecerem no campo, possivelmente pelas

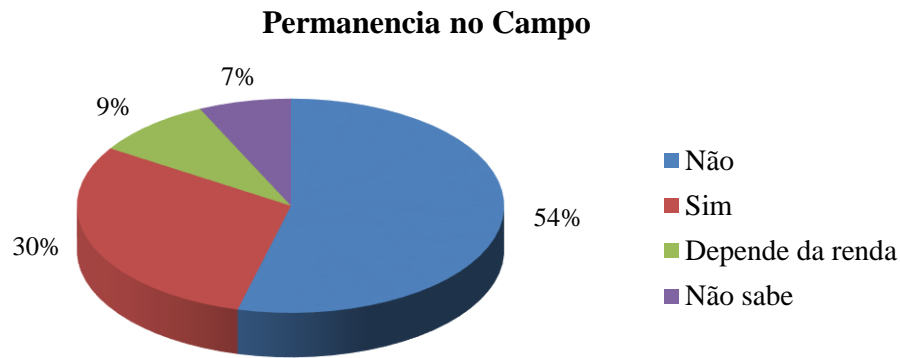
incertezas do futuro quanto a remuneração das atividades e 30%, sim incentivam a darem sucessão nos trabalhos da agricultura.

GRÁFICO 6: A família incentiva à permanência na propriedade?

Quem reside na zona rural encontra dificuldade em se firmar como sujeito social e herdeiro da cultura camponesa. A família influencia na decisão de ficar no campo, quando os pais proporcionam estímulos e condições que agregam a participações no sucesso da propriedade local. O processo educacional alavanca as tomadas de decisões do jovem rural, quanto mais este conhece o seu espaço de trabalho mais sentirá capacitado e vocacionado para gerir a propriedade (SCHMITZ & CASTANHA, 2017).

Na agricultura mais tecnificada onde o jovem tem participação nas decisões e tem maior expectativa de liberdade financeira. Aonde há o emprego de tecnologias, cresce a motivação para sucessão nos negócios da família. A demonstração da vocação de agricultor e empreendedor mercantil/rural nas propriedades com maior capacidade financeira com uma renda satisfatória, em que as condições de trabalho são boas, com acesso a educação e lazer, onde recebem instruções e apoio de instituições com extensão rural, são fatores favoráveis ao processo de sucesso no processo de sucessão (SPANVELLO & LAGO, 2007).

Perguntados se pretendem permanecer no campo após o término do ensino médio, as respostas foram que, 54% não tem desejo de permanecer no campo, mas desejam migrar para cidade e acreditam em poder continuar os estudos, fazer uma faculdade para ter um futuro melhor, mesmo se preciso for trabalhar e estudar ao mesmo tempo caso os pais não os possam sustentar. 30 % desejam continuar no campo seguindo as atividades agrícolas, 9% dizem depender da renda e 7% não sabem ainda. Dos 20 entrevistados apenas um demonstrou desejo de estudar e se especializar na área agrônômica com o fim de seguir no campo.

GRÁFICO 7: Pretensão de permanência na propriedade após o ensino médio?

Devido à falta de lazer, falta de escolas, falta de incentivo familiar, falta de tecnologia e de uma perspectiva de melhor renda no campo, o índice de migração é alto, dos entrevistados 70% dos rapazes querem deixar o campo e migrar para cidade, tentar uma vida melhor. Já entre as moças o índice é ainda maior, 90% delas preferem a cidade. A migração do campo para cidade continua ocorrendo, de acordo com pesquisa, principalmente entre as moças quando comparado aos rapazes (BREITENBACH e CAROZZA, 2017). Os motivos principais são que eles acham o trabalho penoso e difícil, juntamente com as incertezas e dificuldades do campo. O trabalho rural entre os jovens ainda é visto como atraso social, falta valorização da sociedade quanto a esta atividade.

O envelhecimento da população rural e sua masculinização podem ser explicados por que, na medida em que o jovem vai estudar na cidade e conquista um espaço com melhor remuneração e com melhores perspectiva de futuro, estes tendem a ficar na cidade, principalmente as moças. A escolarização crescente na integração cidade-campo, a insatisfação com ganhos obtidos na agricultura e a imagem negativa da penosidade do trabalho agrícola, tem sido fatores determinantes nesta decisão (MENDONÇA, RIBEIRO e GALINOZI, 2008). Devido ao alto índice de jovens migrando para as cidades, o resultado é o

envelhecimento do trabalhador rural no Brasil e Goianésia Goiás de acordo com este levantamento não foi diferente.

Muito embora haja ausência de lazer, tecnologia, escolas e pouca renda para que pudessem com maior satisfação seguir na atividade, mesmo com todas estas deficiências ainda há um importante percentual de jovens que desejam seguir nas atividades agrícolas. Estes que desejam seguir são aqueles que manterão vivas as famílias rurais dos novos tempos. No entanto, dos que desejam ficar o percentual é menor entre as mulheres, apenas 10%, estão dispostas a desenvolverem atividades no campo, daí comprova-se a tendência da masculinização rural.

Porém há um índice importante que a pesquisa demonstrou é que 30% dos jovens afirmam que se houvesse tecnologia no campo e melhor renda, não migrariam para cidade. Possivelmente entre muitas variáveis, tecnologia e renda têm grande relevância e é preciso atentar para estes indicadores, que certamente trará benefícios ao Brasil no futuro próximo. Traçar políticas públicas que promovam a melhoria da qualidade de vida na zona rural e proporcione a estes o uso da tecnologia como facilitador do trabalho no campo.

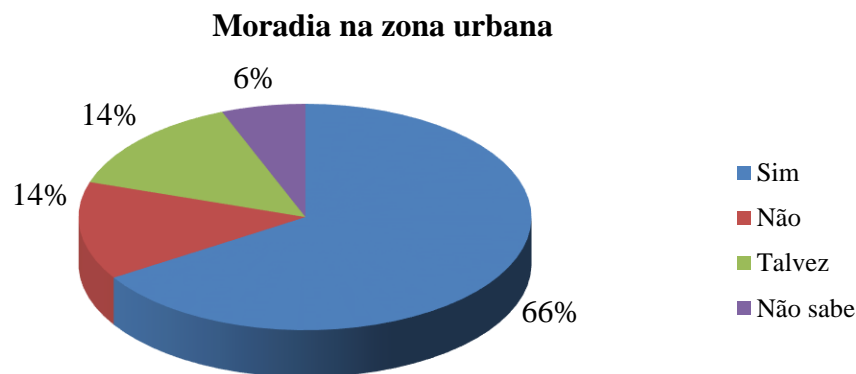
Perguntados se têm interesse de morar na zona urbana 66% disse sim e que pretendem estudar e ter

uma profissão que tenha maior realização dos quais 25% deseja estudar medicina, 10% desejam graduar-se em direito e 20% ainda não sabem ou ainda não decidiram o que seguir no futuro, más 14% não têm interesse em morar na zona urbana, e 20% não sabem se ficará no campo ou se migrará.

O perfil do novo rural apontado por Sheneider (2013) explica essa tendência de pluriatividades nas famílias rurais, em que o trabalho da família é responsável pela geração de valores, e esta renda não é

advinda totalmente de atividades agrícolas, há o envolvimento daquelas não-agrícolas, mas que pela comodidade, tranquilidade e qualidade de vida estes optam por morar na zona rural. A evolução do emprego rural não-agrícola tem ocorrido graças a evolução da sociedade. A expansão de atividades industriais e de serviços chegaram aos espaços rurais em razão do desenvolvimento urbano que acaba por se pela apropriação dos espaços rurais e realizar uma interação com o público que circunda as cidades.

GRÁFICO 8: Perguntados se tem interesse em morar na zona urbana.



De acordo com Carneiro (1999) os migrantes são cada vez mais jovens, e muitas vezes os próprios pais dizem aos filhos para procurar se profissionalizar na cidade para que haja prosperidade, isto no caso de agricultores familiares, mas há o acesso à tecnologia e com isso a conexão com o mundo, e isso é um diferencial, na cidade há mais opções de lazer e diversão e isso é intrínseco do ser humano, há possibilidades para aqueles que podem e conseguem estudar e fazer uma faculdade pleitear um emprego que seja promissor.

O Censo Escolar emite dados anuais sobre a educação brasileira, é perceptível que o número de escolas rurais tem diminuído ano após ano (FNDE, 2018; INPE, 2018). Foram mais 200 mil escolas rurais

fechadas no Brasil desde 1997 (CUNHA, 2015). Com a redução da população rural, esse fenômeno é de certa forma esperado, mas o ritmo de fechamento das escolas tem sido superior ao número de alunos que ainda necessitam ser atendidos pela rede pública nessas localidades (ZINET, 2015).

A criança ou jovem que deseja estudar é obrigada a seguir para a zona urbana para atingir seu objetivo. E se depara com a urbanidade e todas as suas possibilidades econômicas e distrativas para que o jovem não almeje residir na zona rural. O Governo Municipal vem preterindo fazer o transporte de alunos do campo para a cidade, entendendo que esse processo

é mais viável: é o econômico sobrepondo-se ao social e ao direito a uma escola no campo (SOUZA et al 2015).

Masculinização e envelhecimento são consequências de décadas de migração do campo para zona urbana no Brasil, e é um dado preocupante para o futuro do Brasil e do mundo porque haverá escassez de mão de obra no campo, muito embora a produtividade e produção tenham aumentado e a cada ano quebra-se novos recordes no Brasil. O agronegócio tem sido um grande alicerce da balança comercial Brasileira, no entanto é preciso lembrar que a robótica e a automação não substituirão a mão de obra humana a curto prazo e mesmo que isso ocorra, haverá necessidade da presença do homem para realizar as tomadas de decisão.

CONCLUSÃO

Do total de entrevistados apenas 30% dos jovens rurais pretendem seguir na atividade agrícola e viver na zona rural. Estes podera seguir nas atividades se houver melhor renda e mais entretenimento e tecnologia no campo

70% dos jovens rurais almejam migrar para cidade em que acreditam que haverá uma expectativa melhor para estudar e conseguir algum trabalho menos penoso que realizam no campo atualmente.

Ocorre na zona rural de Goianésia um processo de masculinização e envelhecimento das pessoas que vivem na zona rural, apenas 10% das mulheres entrevistadas pretendem seguir no campo, e quando os jovens migram para as cidades, ficam no campo apenas seus parentais, muitos já idosos.

A família de modo geral não incentiva os jovens a permanecer no campo, ao contrário os motivam a prosseguirem nos estudos e a conquistar um emprego que gere mais renda do que o trabalho rural.

Conclui-se que é preciso ter políticas públicas que deem aos jovens maiores condições de

desenvolverem atividades no campo, em especial, o lazer, a renda, a tecnologia e a escola.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMOVAY, R.; CAMARANO, A. A. **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: Panorama nos últimos 50 anos.** Texto para discussão; Ipea, Rio de Janeiro. 1999.

ALVES, E. et. al. Êxodo e sua contribuição à urbanização de 1950 a 2010. **Revista de Política Agrícola(Embrapa)**. Ano XX – nº 2 – Abril/Maio/Jun. 2011. pp.80-88.18.

Aplicada. Brasília : Rio de Janeiro: Ipea , 2020.

BALSADI, O. V. Mudanças no meio rural e desafios para o desenvolvimento sustentável. **São Paulo Perspec.** , São Paulo, v. 15, n. 1, pág. 155-165, janeiro de 2001.

BATALHA, M. O.; BUAINAIN, A. M.; SOUZA FILHO, H. M. Tecnologia de gestão e agricultura familiar. In: BATALHA, M. O.; SOUZA FILHO, H. M. (org). **Gestão Integrada da Agricultura Familiar**. São Carlos. EdUFSCar, 2005.

BREITENBACH, R.; CORAZZA, G. Perspectiva de permanência no campo: Estudo dos jovens rurais de Alto Alegre, Rio Grande do Sul/Brasil. **Revista Espacios**; Vol. 38 (Nº 29) Ano 2017.

CARNEIRO, L. P. As dimensões subjetivas da política: cultura política e antropologia da política. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 24, p. 227-250, dez. 1999. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2100/1239>>. Acesso em: 23 de novembro de 2018.

CUNHA, J. B. Entre o sonho e a esperança: uma análise do programa Escola Ativa no Brasil. **Tese**. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias: Instituto de Educação. Lisboa, 2015.

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/>> Acesso em: 24 de novembro de 2018.

- FONSECA, W. L. FONSECA, W. J. L. OLIVEIRA, A. M. VOGADO, G. M. S. SOUSA, G. G. T. SOUSA, T. O. SOUSA JÚNIOR, S. C. e LUZ, C. S. M. Causas e consequências do êxodo rural no nordeste brasileiro. **Rev. Nucleus**, v.12,n.1,abr.2015.
- GENNARI, A.M. Globalização,Neoliberalismo e Abertura econômica no Brasil nos anos 90.**Revista Pesquisa & Debate** Sp Vol.13 Pg 30-45 2001.
- GODOY, A. S. Introdução a pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, V. 35, n 2, p57- 63. 1995.
- HULSMAN, R. Fruto, diálogo do alimento. Seminários. **Revista Época Negócios**. Jan, 2018, São Paulo.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Agropecuário 2009: Agricultura familiar primeiros resultados. **Censo agropec.**, Rio de Janeiro, p.1-267, 2006.
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Sinopse estatística**. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/basica/censo/Escol ar.asp>>. Acesso em: 23 de novembro de 2018.
- LIMA, S. K.; GALIZA, M.;VALADARES, A.; e ALVES F. Texto para discussão: Produção e consumo de produtos orgânicos no mundo e no Brasil. Instituto de Pesquisa Econômica
- LUZ, R. L. R. **Seguir ou não na atividade agrícola. Um olhar sobre a perspectiva dos jovens rurais de Quaraí-RS 2011**. <Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ano 2011>.
- OCDE / Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura . OECD – FAO Agricultural Outlook 2015–2024 (OECD Publishing, 2015); disponível em http://dx.doi.org/10.1787/agr_outlook-2015-en. Acesso em: 23 de novembro de 2018.
- PEIXOTO, M. **Extensão rural no Brasil – uma abordagem histórica da legislação**. Consultoria Legislativa do Senado Federal, Centro de Estudos. Brasília, 2008. Disponível em:<<https://www12.senado.leg.br/publicacoes/estudos-legislativos/tipos-de-estudos/textos-para-discussao/td-48-extensao-rural-no-brasil-uma-abordagem-historica-da-legislacao>>. Acesso em: 20/12/2018.
- PENA, R. A. E. Êxodo e sua contribuição à urbanização de 1950 a 2010. **Revista de Política Agrícola** (Embrapa). Ano XX – nº 2 – Abr./Maio/Jun. 2011. pp.80-88.
- ROMEIRO, Ademar Ribeiro. **Desenvolvimento sustentável: uma perspectiva econômico-ecológica**. Estud. av., São Paulo, v. 26, n. 74, pág. 65-92, 2012.
- SCHMITZ, M. T. CASTANHA, A. P. Fechamento de escolas do Campo. O caso da Escola Estadual do Campo Canoas – Cruzeiro do Iguaçu, PR. **Imagens da Educação**. v.7 n.1 p 38-48 2017.
- SCHNEIDER, S. **A pluriatividade no meio rural brasileiro: características e perspectivas para investigação**. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/pgdr/arquivos/384.pdf>>. Acesso em: 7 jan. 2013.
- SOUZA, F. E. BIBIANO, G. L. ABE, T. A. J. ROCHA, D. L. SANTOS, C. B. R. **Panorama do fechamento de escolas no campo do estado de Goiás de 2007 a 2015**. Boletim DATALUTA n. 103.: julho de 2016. ISSN 2177-4463 NERA – Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária. Disponível em www.fct.unesp.br/nera. Acesso em: 15 de dezembro de 2018.
- SPANNEVELLO, R. M.; LAGO, A. XLV Congresso da Sober.: **As Cooperativas Agropecuárias e a Sucessão Profissional na Agricultura Familiar**. Palestra proferida na Universidade federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 22 a 25 de Julho de 2007.
- ZINETT, C. **Nos últimos 11 anos, 277 escolas rurais foram fechadas por mês no Brasil**. 2015. Disponível em:<<https://jornalggn.com.br/blog/centro-de-referencias-em-educacao-integral/nos-ultimos-11-anos-277-escolas-rurais-foram-fechadas-por-mes-no-brasil>>. Acesso em: 25 de novembro de 2018.